

Renata de Oliveira Batista Rodrigues\*

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

# Das moradias ancestrais às periferias atuais: a territorialidade em *Morada*

## Resumo:

O artigo é uma adaptação de um capítulo da tese da autora, sendo fruto de reflexões sobre a tomada de posto narrativo por sujeitos que dispõem de poucas oportunidades, tanto de contar histórias quanto de ser história, ser poesia. As inspirações para este estudo surgem nas reflexões que passam pela temporalidade nas leituras das produções literárias de Allan da Rosa, com um fazer literário que resgata memórias e invoca a ancestralidade como forma de (re)existência. Seus escritos também criam visibilidade para sujeitos marginalizados, permitindo experimentar suas histórias e delirar com seus versos. As narrativas e a poética do autor são ancestrais, com diversas possibilidades que nos permitem adentrar seu íntimo e ressignificar vidas, de acordo com nossos repertórios, alimentando memórias. Para abordar a experiência literária de Allan da Rosa, o presente estudo tem por objetivo analisar poemas e imagens de *Morada*, na perspectiva da territorialidade. Iniciamos os estudos com reflexões sobre a literatura periférica no contexto da literatura brasileira contemporânea e, em seguida, exploramos os estudos sobre as “escritas do eu”, além das reflexões a respeito de questões identitárias, representação e a já mencionada territorialidade. Assim, a experiência literária de Allan da Rosa evidencia o protagonismo conquistado, não dado, por pessoas antes silenciadas também no sistema literário brasileiro. Com base nas considerações tecidas, buscou-se contribuir para ampliação das análises literárias da criação em questão.

## Palavras-chave:

Literatura negro-brasileira, marginalidade, periferias

## Abstract:

The study is the result of reflections on the taking of a narrative position by subjects who have few opportunities, both to tell stories and to be history, to be poetry. The inspirations for this study arise from reflections on temporality in the readings of the literary works of Allan da Rosa, with a literary creation that rescues memories and invokes ancestry as a form of (re)existence. His writings also create visibility for marginalized subjects, allowing them to experience their stories and rave about their verses. The author's

narratives and poetics are ancestral, with several possibilities that allow us to enter his depths and reframe lives, according to our repertoires, feeding memories. To address Allan da Rosa's literary experience, this article aims to analyze *Morada*'s poems and images from the perspective of territoriality. We started the studies with reflections on peripheral literature in the context of contemporary Brazilian literature and then explored the studies on the “writings of the self”, in addition to reflections on identity issues, representation and the aforementioned territoriality. Considerations about blacks in Brazilian literature and black-Brazilian literature, the effect of the real and the sharing of the sensitive, complete the conceptual basis of this research. Thus, Allan da Rosa's literary experience highlights the protagonism conquered, not given, by people previously silenced also in the Brazilian literary system. Based on the considerations made, an effort was made to contribute to the expansion of literary analyses of the creation in question.

**Keywords:**

Black-Brazilian literature, marginality, peripheries

*A periferia é o centro de tudo.*

Mano Brown

*Morada* é uma obra de Allan da Rosa cuja particularidade se refere ao fomento a reflexões sobre territórios. Na noção de territórios, no plural mesmo, está subjacente a perspectiva do autor que aponta a heterogeneidade com a qual a nação é representada. Ou seja, territorialmente a nação é pensada e representada no plural, o que demonstra que não temos apenas um Brasil na literatura, mas Brasis. Assim, os poemas do livro *Morada* produzem localidades, ativando, portanto, memórias. São, então, poemas que evidenciam outros olhares que também podem falar de Brasil. Poesias que criam novos olhares, mais Brasis.

Dito isso, o presente artigo tem por objetivo analisar poemas e imagens de *Morada*, na perspectiva da territorialidade. Com esse propósito, o conceito de territorialidade nos auxiliará na análise das questões e dos aspectos abordados, uma vez que, em linhas gerais, ele trata do território enquanto espaço geográfico de apropriação identitária, num determinado tempo. Ou seja, a ideia de territorialidade remete ao sentimento de pertencimento a um lugar em relação ao qual o cidadão se sente familiarizado.

Alexandre Faria, professor do departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, afirma que a “ação editorial e o conteúdo que estão por trás de livros como *Vão* ou *Morada* indicam que uma das expressões da literatura brasileira contemporânea que melhor pode representar essa ação libertária é a que surge no interior das próprias favelas” (Faria *et alii* 2015: 490). Surgimento potente que insere a favela no mapa da literatura, transbordando, bravamente se estabelecendo, desconhecendo qualquer fronteira:

Fronteira  
Quebrada  
Invocada  
Zuada  
Entoadada  
No transborde  
Preparando o bote.  
(Rosa 2007: 130)

Na verdade, a fronteira não é compreendida como limite, mas como território de potência criativa. A fronteira é um lugar e é respectivamente invocada, zuada e entoada. Invocada porque é a expressão de uma grande raiva e irritação. A expressão dessa grande raiva e irritação faz barulho, é a “zuada”, na linguagem informal. Se invocada é o anúncio de uma cólera contida, a zuada mostra que a contenção se rompeu, agora há barulho. E essa zuada não é qualquer uma, não é um simples barulho irritante: é entoada, aquela que se conseguiu dizer em voz alta. Além de ser dita em alto e bom som, é afinada, harmoniosa, construída coletivamente. “Zuada” vir seguida de “Entoadada” reforça que “zuada”, nesse caso, não está relacionada à bagunça ou qualquer outra desordem. “Zuada” é o grito, a voz da quebrada, que vem numa organização, numa afinação. Esse compromisso coletivo é construído – tão bem construído que transborda. E esse transbordar não é aleatório. Nele vem imbricado o ideal de preparação para o revide, o bote. A quebrada é a fronteira. E a fronteira não barra mais nada. Não existe passividade, existe ação. Ação organizada, coletiva, afinada, ativa. Ação que fala.

A respeito dessa fala, dessas vozes, nos tópicos a seguir, ouviremos/leremos as análises da obra realizada no âmbito da territorialidade (das perspectivas de uso do território), que é Morada. Pensar em territorialidade já estremece a ideia de fronteira enquanto limite, uma vez que, concebendo a fronteira também como território, é possível refletir sobre os usos feitos desse território. E lembrando que estamos abordando territórios periféricos, marcados pela falta de assistência, toda essa ideia limítrofe pode se converter em potência, especialmente potência criativa.

### 1. *Morada*, um livro de fotos?

*Morada* é uma publicação de novembro de 2007, das Edições Toró, que contém fotografias de Leonardo Martins Galina, que assina como Guma, e poemas de Allan da Rosa. Este chega a dizer que “O livro é de fotos. Texto é mero convidado”. Entretanto, o diálogo entre a “poesia escrita” e a “poesia capturada pela lente das câmeras” promove o entendimento de imagem alcançando o real, assim como postulou Georges Didi-Huberman em *O que vemos, o que nos olha* (2010).

No que em *Morada* podemos chamar de ensaio introdutório, definição criada por Alexandre Graça Faria em “A margem como utopia – a ginga na poesia de Allan da Rosa”, artigo do livro *Modos da margem – figurações da marginalidade na literatura brasileira* (2015), Allan da Rosa diz:

Guma é teimoso e tem o dom, insiste em captar a Poesia da atmosfera, abençoado pelas forças do imaginário: nuvem que fertiliza e relampeia, que não se pode acorrentar nem esquarterar e que nunca se define por completo, sempre a ressuscitar das trancas cerebrais. (2007: 10)

Esse ressuscitar das trancas cerebrais é o que interessa para a presente pesquisa, pois as moradias ancestrais e as periferias atuais, mesmo com o passar do tempo, estão além da propriedade atrelada às necessidades de mercado. Elas fazem aflorar a nossa coletividade, a vida em comunidade, e será nessa perspectiva que será realizada a leitura das 20 imagens e 13 poemas que compõem o livro.

Além de todas as questões a respeito de território, territorialidade, temporalidades e vida em comunidade, algo nos chamou bastante a atenção: o ponto de contato das periferias atuais com a religiosidade. Por isso, estejamos atentos ao quinto poema do livro:

Soberana que sabe brincar  
Rodou planetas, pariu planetas  
Soprou calombos de quedas

Viu o fogo se descriando  
suas estrelas se enveredando  
no pra lá das esquinas

Entre espumas e esperas de sofá, abençoou e avexou mãos dadas.  
Plena rainha, zarpou com um gesto um vexame dos medrosos.  
Matutou quem trouxe a instiga e aí descobriu sua face mais leve.

Duvidou que o tal de Seo Futuro viesse consertar as dobradiças.  
Mexendo lençóis confessou que sim,  
pra esse tal de Seo Futuro que nem existia e era peça de gibi.  
Namorou Seo Futuro depois que gozou seus riscos,  
recebeu suas carícias de vento.

Estudo carnudo.  
Adoçou matemáticas, agasalhou segredos  
da família toda que lhe mora na cabeça.  
Regente.  
(Rosa 2007: 46)

Considerando as aproximações entre as periferias atuais e a religiosidade, façamos também a leitura do décimo poema:

O patético das rixas  
conferindo pelos no sabonete  
juntando as bitucas de uma  
no travesseiro da outra

Repente esculhambado  
nas cismas do dia a dia

.....

Arrasta visita de gogó  
– silêncio... psiiiiii... sem barulho...  
Nas coxas das colchas  
No suor gemido da parede-meia

Tição

é nunca ou nunca  
e agora deu  
agora dá

Estabanada (são seis da tarde!)  
varrer o vendaval  
incensar  
recolher os passos, a borracha umedecida  
volar à bacia  
dividir o chinelo  
o angu

(Rosa 2007: 62)

O quinto poema do livro fala em abençoar e o décimo em incensar. Essa aproximação com os elementos sagrados aparece em harmonia com as representações de vento nos textos. Cabe sinalizar que, em ambos os poemas, observamos um traço recorrente da obra de Allan: a menção ao vento. É o “sopro no calombo”, são as “carícias do vento”, o “varrer o vendaval”. Nas versões mais brandas do vento, como o sopro ou quando ele acarícia, temos o ato de abençoar, que está mais relacionado a fazer o bem. Já com o vendaval, vem o incenso, que opera na lógica de espantar os malefícios. São ventos que percorrem, nos versos, as periferias atuais em suas analogias. Vento associado, na cultura iorubana, a Iansã, deusa dos ventos, consequentemente a ações e movimentos através dos tempos. Ou seja, pensar sobre isso em uma obra intitulada *Morada* se mostra fecundo, pois na noção de territorialidade, a ideia de

fixidez, por causa do território, geralmente ganha alguma projeção. No entanto, vale destacar que não partilhamos dessa perspectiva. Baseando-nos nas considerações de Milton Santos (2014b) sobre espaço, território e localização, em poucas palavras entendemos territorialidade como uso feito do território, o que significa que ela só pode ser ponderada a partir da ideia de movimento.

Em outros termos, estamos percebendo o vento como um traço da escrita de Allan da Rosa que ratifica a ideia de movimento. Isso nos leva a considerar, de um lado, que o espaço não é estático e, por outro, que o que movimenta o espaço são as percepções que temos dele. Conjecturamos isso a partir das análises do geógrafo em seu livro *Metamorfoses do espaço habitado*, especialmente quando afirma que “nossa visão depende da localização em que se está”, que “a paisagem toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos” e que “a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada” (Santos 2014b: 32). Acrescentamos, então, que refletir sobre territorialidade envolve pensar também sobre apropriação identitária, sobre o sentimento de pertencimento a um lugar onde o sujeito se sente familiarizado.

Sabe-se que a visibilidade literária da periferia é fenômeno característico do mundo contemporâneo e os movimentos dessa contemporaneidade têm ressignificado as reflexões sobre a constituição do Estado-nação, que entende povo, território e soberania legítima como semelhantes e correspondentes.

O trabalho de produzir localidades – no sentido de que localidades são mundos da vida constituídos por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas e compartilhadas e espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados – entra frequentemente em conflito com os projetos do Estado-nação. Em parte, porque os compromissos e conexões que caracterizam a subjetividade local (por vezes erroneamente caracterizada como ‘primordial’) fazem mais pressão, são mais contínuos e por vezes promovem maior dispersão do que o Estado-nação suporta. Também porque a memória e as ligações que os sujeitos locais mantêm com sua vizinhança e nomes das ruas, seus caminhos e cenários urbanos preferidos, momentos e lugares para a congregação e divertimento estão sempre em conflito com as necessidades do Estado-nação de regular a vida pública. Mas ainda é da natureza da vida local desenvolver – em parte, pelo menos, por contraste com outras localidades – seus próprios contextos de alteridade [espacial, social e técnica], os quais podem não se adequar às necessidades de padronização social e espacial, pré-requisito para o cidadão-sujeito moderno. (Appadurai 1997: 33)

Nesse sentido, a produção de localidades, que cria seus próprios contextos de alteridade, destoa das concepções do Estado-nação, pelo fato de, em algum momento, não se adequar às necessidades de padronização impostas por ele. Ou seja: “ao reconhecer [...] que a nação é algo imaginado, também reconheço a crítica recíproca desta ideia: é imaginação que terá que nos levar para além da nação” (Appadurai 1997: 33).

Entendendo territorialidade como nascida das relações estabelecidas no território, é possível inferir que a produção de localidades a fortalece e ambas se retroalimentam. São movimentos que se materializam num espaço físico determinado, o território, que, especificamente na presente pesquisa, trata-se das periferias. O território é periférico. As sensibilidades a serem partilhadas se constroem ou passam por ele. A vida em comunidade, a coletividade, o cooperativismo – valor civilizatório afro-brasileiro – fortalece as identificações e o sentimento de pertencimento, mantendo vivas as tradições ancestrais. Numa vida em comunidade, o respeito à ancestralidade é o primeiro movimento de uma partilha do sensível.

A partilha do sensível é um conceito fundamental na obra de mesmo nome de Jacques Rancière (2009), que explora a relação entre estética e política, definindo como as percepções e as experiências sensíveis são distribuídas na sociedade. As imagens disponibilizadas em *Morada* dão conta de um sensível não comumente compartilhado e essas sensibilidades de uma vida em espaços de muitas carências materiais dependem das percepções de olhares que enxerguem para além da escassez. Olhares que enxerguem a potência das relações humanas. Retomemos, então, o quinto poema desse livro, mencionado algumas linhas antes, agora com foco na imagem (por sinal, bastante simbólica) que a segue e que aqui compilamos.

A “Soberana”, a “Plena rainha”, a “Regente”, protagonista do poema em análise, está retratada na imagem da mulher que guarda a porta de sua casa. Em uma referência ao matriarcado e longe de referências chorosas a uma mulher preta e periférica que, sozinha, conduz um lar. Ela rege, é soberana, é rainha, e não é esse sensível que comumente nos partilham mediante as imagens veiculadas da periferia. Essa observação, isto é, a percepção desse outro sensível partilhado, é possível com o entrelaçamento entre a poesia de Allan e a fotografia de Guma, o que significa que a imagem não basta. Por isso, não concordamos com Allan quando afirma que se trata de um livro de fotos. Sua poesia é fundamental para nossa compreensão da beleza na/da imagem, para as reflexões que suscita, para compreendermos o quanto arte ela é.



Fonte: *Morada* (Rosa 2007)

Além do exposto sobre a imagem, conseguir fazer a analogia de uma brincadeira (no caso, a amarelinha) com a noção de território, representado por um planeta, onde, ao mesmo tempo, essa figura feminina é o planeta, que dá vida a outros planetas e passeia por muitos planetas, é grandioso e mostra a potência dessa poesia/imagem. Mostra essa potência, dentre outras coisas, pelo fato de o foco principal ser o próprio território, em vez do uso que se faz dele. *Morada*, desse modo, consegue emancipar o olhar condicionado a observar a periferia com olhos de carência e passa a fomentar um olhar com olhos de afeto. Portanto, suscita-se, mais uma vez, a reflexão quanto à (real) diversidade territorial contemporânea, que sugere a diferença, e a (imaginada) padronização e/ou homogeneização do território. O poema e a imagem nos levam a pensar, assim, sobre as subjetividades e suas manifestações no território, em contraposição a tendências declaradamente universalizantes, que não encontram caminhos para se estabelecer em uma produção literária da periferia.

Essas observações reforçam a ideia de que historicamente uma parte da nação, a periferia, que sempre foi negada intelectual e culturalmente, não seguiu a padronização sugerida pela globalização, mas foi se desenhando nos caminhos possíveis. Não foi criando uma nação paralela, mas se estabelecendo na nação, na perspectiva da diversidade, reafirmando as possibilidades das diferenças em um mesmo território.

Rogério Haesbaert, o geógrafo humano brasileiro, focado nos conceitos de território e região, afirma que:

A diversidade territorial do mundo contemporâneo é resultado da imbricação entre duas grandes tendências ou lógicas sócio-espaciais, uma decorrente mais dos processos de diferenciação/singularização, outra dos processos de desigualização, padronizadores [mas nem por isso homogeneizantes]. [...] O local vinculado aos processos gerais de heterogeneização/diferenciação [frente a um 'global' de tendências homogeneizadoras e universalizantes]; o local como instrumento de análise, escala geográfica de abordagem [envolvendo as relações sociais ligadas ao cotidiano e aos contatos face a face]; o local como lugar [este geralmente entendido como um espaço culturalmente significativo, dotado de valor subjetivo]. (Haesbaert 1999: 24-26)

O que fez com que uma diversidade territorial fosse possível no mundo contemporâneo não foi uma revisão de fronteiras geográficas físicas, mas novas percepções a respeito dos mesmos territórios. Allan da Rosa, com sua poesia e seu olhar sensível, faz uma contribuição importante nessa reconfiguração do território. Na medida em que a escrita literária da periferia entra em cena, ela recebe mais leituras, mais olhares, diferentes percepções são alcançadas.

Com base no exposto, defende-se que as expressões de marginalidade na literatura trouxeram novos olhares e perspectivas de uma nação. Na verdade, nem tão novos, mas antes de acesso limitado a uma pequena parcela da nação. Essa democratização da palavra literária possibilita que mais vozes falem e também aumenta a possibilidade de escuta. Assim, novos contextos de produção e apreensão são criados, proporcionando uma ampliação não só de

mundos, mas também de discussões a respeito desses novos mundos percebidos recentemente por uma outra parcela da população. Mundos estes culturalmente significativos, repletos das mais diversas subjetividades, que abrigam narrativas nas quais conseguimos perceber as nuances de uma parcela da sociedade que desde sempre contou suas histórias. Entretanto, essa parcela da sociedade apenas recentemente experimentou os olhares e análises de pessoas em alguma medida alheias ao seu contexto social e histórico.

Para proporcionar reflexões sobre esse novo olhar, trazemos também a seguinte imagem:



Fonte: *Morada* (Rosa 2007)

Enfatizando a compreensão de que a produção de localidade e a ideia de territórios (seja em suas dimensões locais ou globais) representam um movimento de resistência a perspectivas homogeneizantes, expõe-se a necessidade de conhecer a realidade de determinado lugar mediante o(s) uso(s) que se faz dele. Paraphrasing Milton Santos (2005), trata-se de conhecer o lugar de dentro, em um movimento semelhante ao que faz Allan da Rosa. Nosso autor periférico, conforme já comentado, traz novas maneiras de representar a nação, em que novos olhares e vozes entraram em cena.

A foto acima intercala justamente os conceitos de territorialidade e de produção de localidades, sem esquecer das experiências, sentimentos e histórias individuais e da dimensão coletiva da vida em sociedade. Em certa medida, também dá visibilidade ao local que, de certo modo, vai aparecendo como oposição ao global.

Pela voz individual prenhe do saber coletivo, o narrador/lavrador extrapola o local e divulga ao mundo a experiência pungente e dolorida do viver histórico e cotidiano à margem das metrópoles e das instituições governamentais. Ao desencapar o fio histórico da margem, o

narrador/lavrador curto-circuita todo o sistema elétrico da atualidade brasileira e coloca a ferramenta de trabalho a serviço do futuro. Reivindica e cria condições melhores de vida para os vindouros. Assim a utopia – indiscriminada e concretamente preenchida pelo desejo de vida mais equilibrada para um e para todos – arriba ao presente pelas mãos da arte. (Faria 2015: 15)

No caso em análise, o narrador é Guma, que conta, na décima foto de *Morada*, o cômodo de uma casa pobre que, pelos indícios aparentes, tais como as telhas de amianto, a instalação elétrica precária e um móvel de cozinha, provavelmente está localizada em uma favela. Curiosamente, essa imagem não vem acompanhada de poesia, assim como outras anteriores também não. Entretanto, foi o primeiro momento em que percebemos que a própria fotografia se fez poesia.

A imagem é aconchegante, acolhedora, talvez pelos móveis (em especial, a cama de casal, a cadeira e o sofá), talvez pela coloração pastel da parede, talvez pela organização dos objetos, talvez pela finalidade principal do cômodo ou do ângulo privilegiado, que sugere a ideia de dormir ou descansar. É um espaço obviamente pobre, todavia não inspira piedade ou sofrimento.

Além disso, a poesia da cena também é pensada a partir dos elementos retratados, que nos fazem pensar na coletividade. As fotos antigas sugerem a ancestralidade, enquanto a foto do time de futebol evidencia um traço marcante de nossa cultura. Em meio às fotos, uma imagem que sugere uma mensagem bíblica – ao seu centro, há uma imagem de Jesus crucificado. No armário de cozinha, há uma escultura que muito se parece com uma imagem sacra católica. Na parte superior do armário, há uma planta popularmente chamada de Espada de São Jorge, que possui destaque nos cultos de religiões de matriz africana. Em uma espécie de criado-mudo, há uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ou seja, a religiosidade se faz bastante presente. É preciso ampliar nossos olhares, ainda, para o rádio, que marca a musicalidade da imagem, bem como para o emaranhado de fios, que fala da energia. É, portanto, um pequeno espaço, cheio de significados, que está experimentando a luz do sol. Queremos dizer com isso,

que todos os aspectos representados nessa única foto são comuns às obras de Allan da Rosa, o que nos leva a inferir que ele parece ter escrito essa imagem.

*Morada* transcende as reflexões de lugar, produção de localidade e territorialidade comumente presentes na produção literária da periferia. Transcende, porque Allan consegue, numa obra criada na perspectiva coletiva – pois é uma parceria dele com Guma – provocar um deslocamento dos olhares para as periferias. Provocar esse deslocamento dos olhares na literatura que dizem periférica, onde a territorialidade é um traço bastante evidente, é deveras importante. Por meio do poema, da criação do Allan, junto às imagens de Guma, é possível vislumbrar o nascimento de um novo conceito para pensar lugar e território junto aos seus respectivos usos. Esse conceito é morada.

Nesse sentido, a afirmação da morada, do lugar [espaço que se define através da identificação e do reconhecimento], mais do que território [espaço demarcado e orientado], é que garante a

diferença e o movimento de heterogênesse que se espera de qualquer grande literatura, seja ela periférica ou não. O discurso da periferia, se analisado através das fotos de Guma e dos poemas de Allan da Rosa, opera mais na fronteira, no deslocamento dos olhares, dos pontos de vista, das crenças, que num lugar qualquer. (Faria 2010: 79)

Assim se justifica que pensemos o território na perspectiva de seus usos, pois o deslocamento proposto e alcançado não é físico, mas conceitual. Na mesma medida em que estamos falando de território, estamos falando de movimento. Movimento tão profundo que chega a fazer a ideia de deslocamento parecer paradoxal. Contudo, não é. Nesta análise, pensar o lugar periferia só faz sentido porque o interesse está no que é possível se produzir nela e a partir dela.

Já partimos do princípio de que o interesse é pensar as perspectivas da criação literária de Allan a partir de sua própria obra, apesar de toda a sorte de carências materiais que afetam seu local de produção. Além disso, com as análises feitas neste artigo, confirmamos o postulado por Milton Santos sobre o território não ser estático. E todo esse movimento reverbera em arte literária, sendo esta a responsável pelo deslocamento de olhares, uma vez que por meio dela se encerram novos modos de representação e consequentemente de percepção.

Pensando a respeito de morada enquanto um conceito, parece valer a pena reproduzir a foto a seguir, que provoca um novo conjunto de reflexões.



Fonte: Morada (Rosa 2007)

O que temos é a imagem de um beco com a informação de que, nesse local, uma casa está à venda. Há relógio de energia e algo parecido com uma caixa de correspondência. Há dispositivos para localização: “10 fundos” e “602”. Existe gente. Bem ao fundo da foto, há a

imagem de uma pessoa. De posse dessa arte, Allan da Rosa lança os seguintes questionamentos:

O céu cabe num contrato?  
O sangue, em cartório se lavra?  
O abraço de nenê, que ressuscita  
    pode ser registrado em patente?  
O mar, majestoso milenar  
    quem pode tê-lo em protocolo? Certidão?  
Pode um homem ser dono das estrelas?  
    (firma reconhecida?)

Quem carimbou o chão do mundo?  
(Rosa 2007: 34)

Em seu ensaio “Periferia Ltda. A representação do espaço privado em *Morada* – fotografia de Guma e escritos de Allan da Rosa”, Alexandre Faria fala que o principal tema do livro é a propriedade de terra. Neste estudo, defendemos que o principal tema do livro são as existências, as vidas. A existência não está vinculada à posse. Contratos, patentes, carimbos; registros não contemplam a imensidão que é o viver. Em outras palavras, o deslocamento dos olhares sobre os elementos elencados traz a percepção de algo simples, mas extremamente valioso: a vida e, conseqüentemente, as relações estabelecidas nela. A periferia não é o lugar das ausências. Ao contrário, a periferia também é o lugar onde as vidas acontecem, cujos traços mais marcantes não são as diversas situações de precariedade. Nela também há poesia, há encanto, há beleza, há criação, há reflexão.

O anúncio “Vende se uma casa” e o conjunto de aspectos que compõem a cena, para além de demonstrarem que um lugar em que muitos esperam a ausência de tudo também opera relações comerciais, levam-nos a pensar nas existências, que ocorrem tanto num castelo quanto num barraco. Reitera-se, desse modo, que o tema da periferia não é o fracasso, o que não significa estar alheio a ele. É nessa perspectiva que Allan encerra um novo conceito em *Morada*: o conceito de morada.

Assim, podemos dizer que morada atua na perspectiva da análise literária, entendendo que a territorialidade está na perspectiva de “uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social [...]. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao furo” (Santos 2005: 7).

A partir dessas considerações sobre a periferia e reflexões sobre morada enquanto conceito, é importante reafirmar o entendimento de que territórios periféricos sempre se fizeram presentes em textos literários. Entretanto, com o olhar de quem está dentro do tema, de certa forma fazendo parte de um movimento literário, é a primeira vez.

Aspectos da sociabilidade humana são situados nas fotos de Guma, por meio de uma produção de localidades que privilegia relações tipicamente periféricas. Esses aspectos de sociabilidade, aliados à poesia de Allan da Rosa, suscitam as reflexões sobre morada.

A seguir, temos uma sequência de imagens que evidenciam aspectos de uma sociabilidade periférica. A primeira imagem escolhida é a de roupas no varal:



Fonte: *Morada* (Rosa 2007)

O que se observa na imagem do varal são roupas lavadas, ditas masculinas. Algumas remetem à infância, o que pode ser observado pelo tamanho das peças. Todas são próprias de um tempo mais frio, pois são calças, jeans, moletons. O varal está localizado numa laje de uma casa, ainda em construção, sem reboco. É possível observar uma antena de TV via satélite. Temos na imagem um dia de sol, o que de certo modo explica as roupas estarem expostas para secar.

Embora a casa, de acordo com as nossas perspectivas, ainda precise de acabamentos, podemos perceber que é habitada. É uma representação de alguma potência de vida, uma vez que, mesmo em meio a tantas carências óbvias, a vida acontece: a antena pode ser vista como alguma busca por entretenimento e o dia de sol é uma oportunidade de lavar roupa.

A segunda imagem escolhida também possui um varal. Contudo, esse varal está em meio a casas de madeira com telhas de amianto, além da imagem de uma pessoa. Quanto às roupas, seguem o mesmo padrão da imagem anterior no que diz respeito ao clima: são propícias a uma temperatura mais amena, em oposição ao sol que se faz necessário para que sequem. Enquanto na primeira imagem o contato com o céu é o elemento da natureza, na segunda esse elemento natural é representado pela vegetação próxima ao varal:



Fonte: *Morada* (Rosa 2007)

Não há dúvida de que a questão central de ambas as imagens são as roupas. Todavia é pertinente lembrar que estão hasteadas como bandeiras em residências. Não estão nos corpos, o que indica que estes, por sua vez, estão nus. A roupa é um acessório humano. O fato de através das imagens podermos perceber roupas “vestindo” as casas denota o quanto de relações humanas existe nesses territórios.

Essas relações humanas estão na perspectiva da coletividade e do acolhimento, pois as características das roupas indicam que são de pessoas diferentes. As roupas no varal não pertencem a uma única pessoa. Quanto ao acolhimento, podemos dizer que é perceptível pela própria característica da roupa, que é também proteger os corpos da nudez, além de as roupas expostas, como já foi dito aqui, serem típicas de temperaturas um pouco mais frias.

Sendo assim, embora nas duas imagens só se localize a figura humana em uma delas, toda a sua constituição assegura a existência de pessoas. Na verdade, todo o sentido atribuído às imagens desses territórios periféricos só tem validade pela existência da vida humana.

A próxima imagem também contém roupas, mas vestindo as pessoas. São quatro pessoas que aparecem na imagem, como podemos observar:



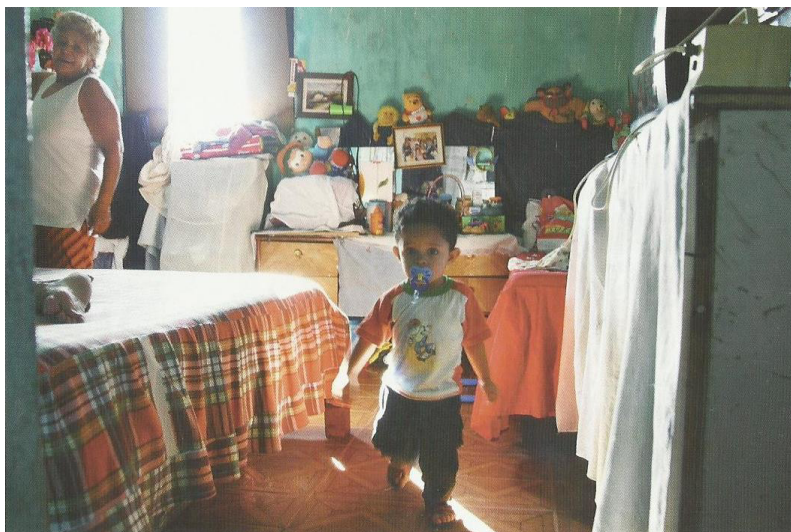
Fonte: *Morada* (Rosa 2007)

A imagem apresenta três pessoas adultas em diálogo e uma criança caminhando. Esse caminhar da criança, o relógio de energia elétrica e a numeração da casa permitem que percebamos que a conversa acontece na rua. Embora o título da obra seja *Morada*, esta pode ser entendida também para além do espaço físico de um sujeito ou de sua família. Como a fixidez não é um traço que interesse às nossas análises, a interação, o encontro entre as pessoas, faz com que as ruas também sejam morada, pois nelas também são notadas as existências.

Um aspecto a ser observado nessa imagem é que, ao mesmo tempo que caminha, a criança tem parte do corpo projetada na direção dos adultos que estão conversando. Podemos dizer que a imagem traz a representação da oralidade e da vida em comunidade (por meio da conversa) e da relação com os mais velhos (quando a criança observa os adultos).

Outro aspecto é a rua como cenário. Ela é um caminho, a possibilidade de ligação de um lugar a outro. Uma leitura possível da imagem é das possibilidades de renovação contínua, sem perder de vista a contribuição dos mais velhos. A renovação contínua é representada pelo caminhar da criança; a dos mais velhos, pela conversa entre os adultos que a criança olha.

A próxima imagem inverte a perspectiva: enquanto na anterior a criança observa a conversa dos adultos, nesta existe uma senhora de cabelos brancos observando a criança:



Fonte: *Morada* (Rosa 2007)

O menino caminha firme e em frente, com cabeça erguida e olhos atentos. A senhora observa a caminhada com um semblante feliz. O ponto de contato com a imagem anterior é a juventude caminhando, a vida se renovando, com o suporte dos mais velhos. Para além dessas questões, a imagem traz o aconchego da cama, o brilho da luz e alguns brinquedos ao fundo, conferindo alguma ludicidade à cena.

Essa sequência de fotos com roupas no varal, casas de madeira, ruas sem asfalto, casas sem reboco e existências humanas se renovando também é poesia, bem como a poesia também pode ser nossa morada:

a Poesia até bate palmas

chama nos porões dos poros,  
às vezes pede licença antes de entrar  
às vezes...

em nosso quarto-sala, que queremos limpo  
com seu silêncio, sua simpatia  
seus sussurros e saravás  
pela manhã de pisar, ritual e traquinas  
demonstra que a Casa que cede estadia,  
é dela...

em tua Casa habitamos



Por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas. Para isso, é indispensável insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território (o território usado, o uso de território). Antes, é essencial rever a realidade de dentro, isto é, interrogar a sua própria constituição neste momento histórico. O discurso e a metáfora, ou seja, a literaturização do conhecimento, podem vir depois, devem vir depois. O território (transnacionalizado) se reafirma pelo lugar e não só pelo novo fundamento do espaço e mesmo pelos novos fundamentalismos do território fragmentado, na forma de novos nacionalismos e novos localismos. (Santos 2005: 12)

Assim, o modo de representar a nação vem mudando ao considerar que ela não é homogênea, apesar de possivelmente, em algum momento, a literatura ter tentado impor isso de maneira proposital ou não. No entanto, na contemporaneidade, especialmente com a abertura social do romance, com reflexos na poesia, fica evidenciada a heterogeneidade da nação. Essa heterogeneidade se materializa na apresentação dos diversos Brasis outrora ocultados em narrativas históricas e literárias e nos eus líricos. No poema que segue, Allan da Rosa nos apresenta algumas percepções desse novo velho Brasil:

Quebrada

pena mas resiste

Ginga e sorri

na sua ladeira triste

Arriada

inda ensaia o dedo em riste

Voando em gaiola

bicando bocadinhos de alpiste

(Rosa, 2007: 36)

A quebrada, referida no poema imediatamente anterior, é o nome dado às periferias de São Paulo através de seus próprios sujeitos. É comum observar rappers, escritores e coletivos culturais se referindo a seus lugares como quebrada. E o que temos nesse poema é uma espécie de definição de quebrada. A quebrada é o lugar da resistência, apesar do sofrimento. O lugar que sorri apesar das tristezas e, mesmo inferiorizada, subalternizada, ousa apontar o dedo incisivamente e posiciona-se. O lugar em que nem a gaiola é impedimento para os voos possíveis.

À luz do exposto, acreditamos que Allan da Rosa apresenta seu olhar de uma pequena parte da nação. Nação esta que reúne algumas vivências desprivilegiadas no âmbito da representação literária, que na escrita do Allan se tornam potência.

### Considerações finais

O presente estudo teve como foco a análise de uma coletânea de fotos e poemas que nos permitiu discutir os modos de representação periféricos, *Morada*. A obra possui como particularidade as possibilidades de reflexões sobre territórios. A perspectiva de Allan da Rosa aponta para a heterogeneidade com que a nação é representada em seus escritos, com a nação pensada no plural. Além disso, a ideia de territorialidade desenvolvida no artigo remete ao sentimento de pertencimento a um lugar com o qual o cidadão se sente familiarizado.

*Morada* é uma publicação de novembro de 2007, das Edições Toró, que contém fotografias de Guma e poemas de Allan da Rosa, que chega a dizer que o livro é de fotos e o texto é mero convidado. Entretanto, o diálogo entre a “poesia escrita” e a “poesia capturada pela lente das câmeras” foi fundamental para nossas análises. Por meio da análise e da leitura, pudemos compreender que a vida local se desenvolve em contextos de alteridade. Pelas relações contrastantes, distintas, pautadas na diferença, percebemos o desenvolvimento das localidades. E, pelos conceitos de localidade e territorialidade, entendemos que a obra de Allan criou um conceito. *Morada*, além de livro de fotos e poemas, fez-se conceito. Conceito de considerável importância para pensar uma literatura periférica, que no nosso entendimento possui bases identitárias na origem social dos escritores. *Morada* como conceito percebe o espaço enquanto cenário de vivências e experiências humanas, enriquecido pela vida em comunidade, com base na ancestralidade.

## NOTA

\* Renata Rodrigues é Professora adjunta do curso Letras da UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, no Campus dos Malês, na Bahia e do MEL – Mestrado em Estudos de Linguagens na linha de Literatura, na mesma instituição. Pertence ao departamento de Literaturas de Língua Portuguesa do IHLM – Instituto de Humanidades e Letras dos Malês. Doutora em Letras Vernáculas (Área de concentração: Literatura Brasileira) pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em estágio pós-doutoral, também na UFRJ, agora no PPGCL – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, com a supervisão do Professor Doutor Paulo Roberto Tonani do Patrocínio. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Negros – LEN do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/ UFRJ. Integrante do projeto de extensão LiterArte, na UNILAB. As publicações mais relevantes são “Identidade textual e literatura negro-brasileira: Processos de formação de leitores literários e escritores e a lei 10639/03”, na *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, “A Mímese de ‘Zumbi Assombra quem?’, de Allan da Rosa”, na *Revista Eletrônica Araticum*, e “Deslocamentos da nova literatura marginal: os sentidos da periferia e o livre ficcionar do artista”, na *Revista Antares: Letras e Humanidades*.

## Bibliografia

- Adichie, Chimamanda Ngozie, *O perigo de uma única história*. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br)> (último acesso em: 15/01/2019).
- Anderson, Benedict Richard (2008), *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman, São Paulo, Companhia das Letras.
- Appadurai, Arjun (1997), “Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós- nacional”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 49, <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-49/#: 33-46>.
- Augé, Marc (2012), *Não lugares: introdução a uma política da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira, Campinas, Papirus.
- Bhabha, Homi K (2013), *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- D’Andrea, Tiarajú Pablo (2013), *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Didi-Huberman, Georges (2010), *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves, São Paulo, Editora 34.
- (2013), *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo AbyWarburg*. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Contraponto.
- / Clément Chéroux / Javier Arnaldo (2013), *Quando las imágenes tocan lo real*. Madri, Circulo de Bellas Artes.
- Fanon, Frantz (2005), *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora, EdUFJF.
- Faria, Alexandre (2010), “Periferia LTDA. – A representação do espaço privado em *Morada* – Fotografias de Guma e Escritos de Allan da Rosa”, in *Literatura, crítica, cultura IV: interdisciplinaridade*. Juiz de Fora, EdUFJF: 71-79.
- Faria, Alexandre / João Camillo Penna / Paulo Roberto T. Patrocínio (org.) (2015), *Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Aeroplano.
- Gomes, Renato Cordeiro (2010), “Por uma geografia dos espaços rarefeitos (Lugar e não-lugar na narrativa urbana contemporânea)”, in *Literatura, crítica, cultura IV: interdisciplinaridade*. Juiz de Fora, EdUFJF: 48-62.
- Haesbaert, Rogério (1999), “Região, diversidade territorial e globalização”, *GEOgraphia*, nº 1, <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13361>: 15-39.
- Hall, Stuart (2009), *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- (2016), *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira, Rio de Janeiro, Editora da PUC-Rio.
- Patrocínio, Paulo Roberto Tonani / Lilian Saback (2013), “A insurreição dos sujeitos silenciados: autorrepresentação nos discursos literário e audiovisual”, *Alceu*, v. 13, nº 26: 127-40.
- Perlman, Janice E (1977), *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Prysthon, Angela/ Rodrigo Carrero (2002), “Da periferia industrial à periferia fashion”, *Eco-pós*, v. 5, nº 2 [https://www.researchgate.net/publication/393329136\\_Da\\_periferia\\_industrial\\_a\\_periferia\\_fashion\\_dois\\_momentos\\_do\\_cinema\\_brasileiro\\_e\\_a\\_espetacularizacao\\_da\\_cultura](https://www.researchgate.net/publication/393329136_Da_periferia_industrial_a_periferia_fashion_dois_momentos_do_cinema_brasileiro_e_a_espetacularizacao_da_cultura): 56-67.
- Rancière, Jacques (1996), *O desentendimento: política e filosofia*. Tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34.
- (2009), *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto, São Paulo, EXO/Editora 34.
- (2010), “O efeito de realidade e a política da ficção”, Tradução de Carolina Santos, Novos Estudos CEBRAP: 75-90.
- (2012), *O espectador emancipado*. Tradução de Ivone Benedetti, São Paulo, Martins Fontes.
- (2017), *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramalhete, Laís Eleonora Vilanova, Ligia Vassalo e Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo, Editora 34.

Resende, Beatriz/ Ettore Finazzi-Agró (org.) (2014), *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro, Revan.

Rocha, João Cezar de Castro (2014), “A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a ‘dialética da marginalidade’”, *Revista Letras* (UFSM), nº 32, <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909>: 23-70.

Rolnik, Raquel (2017), *Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política*. São Paulo, Três Estrelas.

Rosa, Allan da (2007), *Morada*. Coautoria com Guma. São Paulo, Toró.

Santos, Milton (2005), “O retorno do território”, *OSAL: Observatório Social da América Latina*, ano 6, <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>: 3-13

-- (2012), *Pensando o espaço do homem*. São Paulo, Edusp.

-- (2013), *A urbanização brasileira*. São Paulo, Edusp.

-- (2014a), *Da totalidade ao lugar*. São Paulo, Edusp.

-- (2014b), *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, Edusp.